

Dificuldades e contribuições do leigo hoje

Basicamente, ao discutirmos teologicamente sobre as dificuldades e contribuições enfrentadas por leigos e leigas na atual situação da Igreja, observamos por parte destes fiéis um desconhecimento generalizado da sua especificidade, de sua singularidade e de sua importância na formação da estrutura eclesial. Além disso, é possível identificar que, por parte de alguns membros do clero, não há um respeito à dignidade batismal, claramente testemunhada nos primórdios do cristianismo, que estes batizados adquiriram pelos merecimentos de Cristo.

De igual modo, a Igreja de Deus, como anunciadora da salvação e do Reino prometido, não pode permanecer indiferente ao mundo atual, mas perante as novas transformações que foram ocorrendo na sociedade nos últimos anos, deve-se esforçar para dialogar e responder as diversas questões impostas pela modernidade. Partindo dessa perspectiva, o leigo cristão, por força da sua índole secular, torna-se um grande protagonista da evangelização e promissor artífice de renovação social (cf. ChL 46). Neste sentido, os leigos são convocados a compreenderem e atuarem como sujeitos eclesiais nas diversas realidades em que se encontram inseridos, superando, pelo seu testemunho, o clericalismo, o individualismo (fechamento em si mesmo) e o comunitarismo (fechamento em grupos)¹. Sendo assim, neste último capítulo, procuraremos apresentar os desafios e as contribuições que o laicato está encontrando no despontar da sua vocação e da sua missão.

¹Cf. CNBB. **Estudo 107**, n. 13. Este estudo foi o tema prioritário da 52ª Assembleia Geral da Conferência Geral dos Bispos do Brasil, realizada em Aparecida, recentemente, este estudo foi publicado pela CNBB com o título “Cristãos leigos e leigas na Igreja e na sociedade: Sal da Terra e Luz do Mundo” (cf. Mt 5, 13-14). Basicamente, no conjunto das suas palavras, ele visa animar, de modo geral, o laicato brasileiro e destacando a sua atuação como importantes sujeitos eclesiais nas diversas realidades em que estão inseridos. Fundamentado no método ver, julgar e agir, o documento é dividido, didaticamente, após uma breve introdução, em três capítulos nomeados da seguinte forma: “O Mundo Atual: Esperanças e Angústias”; “O sujeito Eclesial: Cidadãos, Discípulos e Missionários” e “A ação transformadora da Igreja e no mundo”.

5.1

O leigo em tempo de mudanças

Das inúmeras reflexões promovidas pelo Concílio Vaticano II, as de caráter eclesiológico foram, sem dúvida, as que mais ganharam destaque. Se no período pré-conciliar, durante séculos, predominou uma concepção teológica pautada, sobretudo, no conceito de sociedade perfeita, hodiernamente, não cessam esforços por parte da Igreja, de oferecer aos seus fiéis uma concepção mais comunitária, colegial e menos clerical da sua vivência evangélica.

Ao insistirmos que a condição laical dever ser definida a partir do batismo cristão e não em contraste com a hierarquia eclesiástica, torna-se inegável que o ambiente sociopolítico dos leigos e das leigas no mundo, a cada instante, vem protagonizando diversas transformações. De acordo com o documento de Aparecida, a sociedade e o mundo atual se aceleraram e mudanças tornaram-se vertiginosas. A realidade está cada vez mais sem brilho e complexa. Numa crise de sentido, o humano cada vez mais só, através de um individualismo e numa negação do nós. Elimina-se o bem comum, busca-se o prazer do prazer imediato e da satisfação dos desejos na inexistência de um passado que não mais influência e de um futuro desnecessário porque é indesejado (cf. DAp 44).

De fato, estamos sendo invadidos por uma colonização cultural homogeneizado, por culturas artificiais que pregam o individualismo, o darwinismo social, a vitória a qualquer custo (DAp 46). Negar esta realidade constitui-se de uma alienação da condição fundamental e histórica do ser humano, à medida que a realidade temporal e suas respectivas estruturas são o lugar privilegiado da ação consciente, autônoma e criativa do testemunho cristão (cf. Estudo 107, nº 14).

Perante este cenário, também o filósofo Thomas Kuhn² (1992) não ousou em afirmar que o paradigma da civilização atual encontra-se numa profunda crise. Neste ambiente de aparente estabilidade, cabe-nos um questionamento: qual é a real situação do mundo que os inúmeros leigos estão atuando em nossos dias hoje?³

². Exímio filósofo da ciência, cujos estudos proporcionaram o chamado giro histórico-sociológico. **Nossos Grifos.**

³cf. DÉCIO, P. **Sujeitos no mundo e na Igreja**, p. 209.

Em primeiro lugar, fala-se muito, sobre o fim das grandes utopias. Entretanto, é perceptível aos olhos que novas formas de conceber o Estado vão ganhando expressão, apregoando como princípio geral o crescimento econômico e o fim do compromisso estatal com as suas ações sociais e assistência aos mais fracos. A ciência se utiliza do máximo da razão iluminista a serviço de descobertas que venham a aumentar a taxa de retorno do capital, sem interesse que isso se reverta a população, sobretudo, a miserável⁴.

Também a família, no sentido tradicional, vai deixando de existir, configurando-se em novos modelos que estão em processos de construção e legitimação. Nessa mutação, o seu valor como célula original da sociedade, cuja legenda torna-se complexa na tentativa de explicar quem é quem no núcleo familiar. Ante ao processo avassalador de independência feminista, famílias monoparentais, a diminuição do número de filhos, aumento do número de pais e mães separados e de uma paternidade responsável, configuram a chamada “terceira autonomia”⁵.

O Estado, inicialmente criado para a ordenação das relações entre homens e mulheres que estão em sociedade, vai progressivamente deixando, em parte, de cumprir para aquilo que foi criado. Há algum tempo, ele vem se revelando como culpado pela miserabilidade e morte de milhões de homens e mulheres, além de uma instituição que minimiza o cuidado com os menos favorecidos e maximiza a atenção para o poderio econômico. Desse modo, a democracia, outrora definida como governo do povo, pelo povo e para o povo, parece não responder mais aos anseios da população a ela submetida, onde o aparato burocrático e repressivo constituiu-se apenas como um instrumento para a manutenção de um sistema na impossibilidade de cumprir a sua missão⁶.

Como fruto da sua incapacidade, o Estado, de igual modo, tornou-se refém das indústrias do medo, que nos últimos anos vem crescendo continuamente. As empresas, num círculo vicioso, criam o medo e lucram com as instituições e seus cidadãos, que exigem segurança. Absurdamente, após os avanços tecnológicos na construção de uma sociedade de segurança e controle, o novo passo a ser galgado consiste em diluir e fundir a imagem do inimigo e a do cidadão comum. Assim, a

⁴cf. DÉCIO, P. **Sujeitos no mundo e na Igreja**, p. 209.

⁵cf. DÉCIO, P. **Sujeitos no mundo e na Igreja**, p. 210.

⁶cf. DÉCIO, P. **Sujeitos no mundo e na Igreja**, p. 211.

estrutura e a estratégia militar destinam-se à ação interna contra os próprios cidadãos⁷.

Outro sinal de mudança é simbolizado pela expressão “crise de sustentabilidade”. Baseado na observação das últimas décadas, chegaremos a um momento histórico onde não haverá mais condições para a manutenção da espécie humana. Imersos num modelo suicida de desenvolvimento, o modelo de produção capitalista mostra-se como um grande protagonista da degradação do planeta, cujas consequências são sem precedentes: aumento do desmatamento e das temperaturas climáticas, escassez dos recursos hídricos, etc.⁸.

Nos últimos anos, crises enormes abalaram o sistema econômico mundial, advindas das más políticas públicas dos diversos Estados nacionais. Como solução, injeções financeiras milionárias foram realizadas para salvar bancos e instituições. A fim de saldar as suas dívidas, países estão banindo do cenário internacional muitos direitos sociais e trabalhistas; reduzem projetos sociais, quer em saúde e educação; cortam salários e demitem em massa. Nesta lógica, muitos homens e mulheres passam a se integrar na massa sobrando da sociedade, sendo explorados pelo capital e pela negação da possibilidade de inclusão de outros tantos⁹.

Numa época de muitas angústias e interrogações, se, por um lado, há uma profunda busca do absoluto, do sagrado, por outro, as religiões, sobretudo as mais tradicionais, encontram dificuldades em dialogar e a responder as perguntas e os questionamentos presentes. Inseridos num supermercado espiritual, homens e mulheres criam as suas próprias espiritualidades, escolhendo aquilo que mais gosta nas diversas religiões. Na Europa, muitas Igrejas e conventos vão se transformando em centros culturais, pousadas, teatros e etc. O número de fiéis, em raras exceções, vai se reduzindo a uma mínima participação. Ordens religiosas vão, anualmente, desaparecendo, e mesmo os seminários, antes permanentemente cheios, são abandonados devido à insuficiência radical de vocacionados¹⁰.

De igual maneira, vivemos num mundo definitivamente globalizado com bases fundamentais estruturadas a partir de tecnologias que garantem a eficiência

⁷cf. DÉCIO, P. **Sujeitos no mundo e na Igreja**, pp. 212-213.

⁸cf. DÉCIO, P. **Sujeitos no mundo e na Igreja**, p. 213.

⁹cf. DÉCIO, P. **Sujeitos no mundo e na Igreja**, pp. 213-214.

¹⁰cf. DÉCIO, P. **Sujeitos no mundo e na Igreja**, pp. 215-216.

da produção, da circulação e da oferta de produtos, de organizações financeiras que, em escala mundial, gera riquezas, de um sistema social a partir de tecnologias, produtos e serviços que dispensam a pergunta pelos sujeitos e processos, indivíduos e povos; de cidades cada vez mais regidas pelo capital financeiro e alimentadas pelo consumo; de uma cultura urbana centrada na oferta de produtos; e, por fim, de uma sociedade que disponibiliza todos os tipos de conteúdo internacionais e meios de fluxos ágeis que permitem a conexão entre pessoas em tempo real e sem limites de distância (cf. Estudo 107, nº 20).

Apesar desse mundo globalizado que trouxe e traz inegáveis contribuições, as novas tecnologias avançadas oferecem, a cada dia, novos domínios sobre os aspectos macro e micro da vida que revelam a grandeza criadora do ser humano e as possibilidades reais de uma sociedade de vida mais plena para todos. Todavia, dentro da sociedade global, grupos e culturas globais, incluindo a Igreja, tendem a reproduzir formas dominantes de pluralidade que se pauta pela indiferença aos valores e aos outros; na secularidade que valoriza positivamente as conquistas humanas, a autonomia das consciências e a liberdade religiosa, na busca desenfreada e no egoísmo de bem-estar ilimitado; do consumo dos bens necessários à subsistência e à satisfação equilibrada dos desejos; da idolatria do dinheiro como valor absoluto que tudo direciona; da negação do dever para com a vida comum; do tradicionalismo que se nega a dialogar com o mundo e se fecha na segurança das ideias puras e imutáveis; do comunitarismo que isola o grupo do mundo; de uma comunicação virtual que isola e dispensa a relação pessoal. Sobre este processo de mudanças, encontramos a seguinte afirmação:

A confiança foi condenada a uma vida cheia de frustrações. Pessoas (sozinhas, individualmente ou em conjunto), empresas, partidos, comunidades, grandes causas ou padrões de vida investidos com a autoridade de guiar nossa existência frequentemente deixam de compensar a devoção. De qualquer forma, é raro serem modelos de consciência e continuidade em longo prazo. Dificilmente há um único ponto de referência sobre o qual se possa concentrar a atenção de modo fidedigno e seguro, para que os desorientados possam ser eximidos do fatigante dever da vigilância constante e das incessantes retratações de passos dados ou pretendidos. Não se dispõe de pontos de orientação que pareçam ter uma expectativa de vida mais longa do que os próprios necessitados de orientação, por mais curtas que possam ser suas existências físicas. A experiência individual aponta obstinadamente para o eu como o eixo mais provável da duração e da continuidade procurada com tanta avidez¹¹.

¹¹BAUMAN, Z. **Amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos**, p. 113.

Perante este cenário, sabemos que a vivência na comunidade cristã acontece numa dinâmica que exige o equilíbrio entre o eu e o outro, sem isolamentos nos dons e funções individuais e sem aniquilamento da individualidade em função da comunidade. Neste sentido, o leigo, sujeito na Igreja e no mundo, é o cristão maduro na fé, que fez o encontro pessoal com Jesus Cristo e se dispôs a segui-lo com todas as consequências dessa escolha; é o cristão que adere ao projeto do Mestre e busca identificar-se sempre mais com sua pessoa; é o cristão que se coloca na escuta do Espírito, que envia à edificação da comunidade e à transformação do mundo na direção do Reino de Deus (cf. Estudo 107, nº 49). A respeito disso, alerta-nos a CNBB:

Evangelizar, a partir do encontro com Jesus Cristo, como discípulos missionários, à luz da evangélica opção preferencial pelos pobres promovendo a dignidade da pessoa, renovando a comunidade, participando da construção de uma sociedade justa e solidária, para que tenham Vida e a tenham em abundância (Jo 10,10)¹².

Desse modo, saboreando a amizade e a mensagem de Jesus, os leigos são instigados a descobrir e alimentar uma espiritualidade apropriada à sua vocação; leigos e leigas, em seus trabalhos, devem infundir uma inspiração de fé e um sentido de amor cristão. Hoje, não é mais possível pensar uma Igreja em que se exclua a participação e corresponsabilidade dos leigos na missão de anunciar e testemunhar a boa-nova do Evangelho a toda criatura (cf. Mc 16,15).

Assim, o leigo é chamado a ser um autêntico sujeito eclesial, cujas ações cotidianas são capazes de contribuir para a construção de um mundo justo e solidário, de maneira reconhecida e organizada na forma de serviços, pastorais, ministérios e outros grupos eclesiais. Também, sua militância pode ser um importante instrumento não só para uma assistência imediata da Igreja, mas para uma maior conscientização no processo de transformação da sociedade (cf. Estudo 107, nº 173).

A vivência do tríplice múnus vocação, carisma e missão de cada batizado, conforme as Diretrizes da Ação Evangelizadora do Brasil, nos últimos tempos, se dá no âmbito da pessoa, no âmbito da comunidade e no âmbito da sociedade¹³.

¹²CNBB. **Diretrizes Gerais da Ação evangelizadora da Igreja no Brasil. 2008-2010.** Doc. 87. São Paulo: Paulinas, 2008, p. 9.

¹³Cf. CNBB. **Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil.** Doc. 94, p. 79.

Enfim, nesse mundo onde desaparece o predomínio masculino, o patriarcalismo, as relações de gênero, poder e autoridade, os leigos são chamados ao apostolado e a santidade de vida mediante aos inúmeros desafios que buscaremos pastoralmente a seguir e expor.

5.2

As dificuldades enfrentadas

Um dos grandes contributos do Concílio Vaticano II foi o claro esforço por afirmar o sacerdócio comum aos fiéis e a comunhão entre os membros do Povo de Deus. Para o teólogo Sobrino, a dimensão sacerdotal está presente em toda a Igreja e se concretiza no cristão que assume o compromisso de realizar o Reino anunciado por Jesus¹⁴. Todavia, sabemos que, em relação ao laicato, alguns desafios ainda precisam ser superados, dentre os quais a diminuição da distância da hierarquia em relação aos leigos, a autonomia laical como expressão da unidade eclesial e uma afirmação mais clara da vocação e missão da cristã leiga na Igreja.

Sem dúvida, a vivência na comunidade cristã acontece numa dinâmica que exige o equilíbrio entre o eu e o outro, sem isolamentos nos dons e funções individuais e sem aniquilamento da individualidade em função da comunidade. O mesmo teólogo Sobrino, tendo como base o laicato, considerou os respectivos elementos para a máxima expressão da vivência comunitária do amor:

O primeiro é a necessidade de se fazer a opção pelos pobres e por sua libertação. O segundo é considerar que, a partir de tal opção, enfrenta-se o martírio como integrante da prática de libertação e da reflexão teológica. O terceiro é que, com a opção pelos pobres e a possibilidade do martírio, o cristão é chamado a viver sua realidade sacerdotal, entendida como aproximação de Deus com os homens, particularmente os pobres¹⁵.

Neste sentido, o leigo católico, sujeito na Igreja e no mundo, é o cristão maduro na fé, que fez o encontro pessoal com Jesus Cristo e se dispôs a segui-lo com todas as consequências dessa escolha; é o cristão que adere ao projeto do Mestre e busca identificar-se sempre mais com sua pessoa; é o cristão que se

¹⁴cf. SOBRINO, J. **Ressurreição da Verdadeira Igreja**, p. 61.

¹⁵cf. SOBRINO, J. **Ressurreição da Verdadeira Igreja**, 61.

coloca na escuta do Espírito, que envia a edificação da comunidade e a transformação do mundo na direção do Reino de Deus:

Ele (o leigo) deve iniciar uma nova vida, construir uma nova história, como sinal da salvação integral. Deve ser presença no mundo da técnica, da criação de modelos, das realizações políticas e sociais. A proposta do leigo cristão por meio do matrimônio e da profissão é realizar a libertação integral do homem e da sociedade¹⁶.

Perante a distância estabelecida entre a hierarquia eclesiástica e os leigos, no campo do poder, a criação dos conselhos pastorais, depois do Vaticano II, foi certamente um avanço bastante considerável para a Igreja. Eles buscam abrir espaços de participação dos leigos, tanto no âmbito das dioceses como nas paróquias. Segundo o direito eclesial, sua função básica consiste em analisar e avaliar as atividades pastorais e propor conclusões sobre elas (CIC 512).

Todavia, sua concepção parece ter sido tratada vagamente no Concílio quando lemos no decreto *Christus Dominus*: “é muito desejável que cada diocese se institua um peculiar Conselho Pastoral, presidido pelo próprio Bispo diocesano e nele tomem parte clérigos, religiosos e leigos especialmente escolhidos. É tarefa deste Conselho pesquisar os assuntos que se relacionam com as obras pastorais, examiná-los diligentemente e tirar deles as conclusões práticas” (CD 27,5).

Na prática, estes conselhos reduziram-se apenas a um caráter consultivo dos seus membros, sendo os leigos e as leigas, no nível diocesano, indicado pelo bispo e, no nível paroquial, indicados pelos párocos. Em tese, a oposição entre o laicato e a hierarquia eclesiástica parece não ter sido superada, cabendo ao leigo uma participação limitada e passiva nas importantes decisões na comunidade.

A criação de novas estruturas de comunhão e participação, onde os membros representativos pudessem ser escolhidos por seus pares e segmentos, ampliariam o horizonte pastoral nas tarefas de planejamento e avaliação das atividades pastorais e administrativas. Em instância de definição, elas refletiriam uma grande assembleia do Povo de Deus, permanente e ampliada a todos.

Passado o Concílio, o magistério particular de muitas Igrejas particulares incentivou a criação de ministérios dos leigos e das leigas. Todavia, apesar dos esforços, o reconhecimento dessa ação ministerial do laicato nem sempre leva em

¹⁶SOBRINO, J. **Ressurreição da Verdadeira Igreja** p. 62.

conta as necessidades das comunidades; pelo contrário, frequentemente eles são concebidos a partir das necessidades dos padres.

É importante, em prol da comunidade cristã, que a Igreja promova a existência de ministérios a partir das necessidades e dificuldades pelas comunidades, que levem em conta os carismas pessoais de cada um para a edificação da comunidade. A comunidade deve protagonizar, tanto na escolha das pessoas, como na sua permanência, para que os ministérios sejam assumidos como dons gratuitos de Deus para o serviço cristão e a consolidação do Reino.

Sabemos, igualmente, que pela tradição, o magistério tem a função de, quando necessário, manifestar-se em matéria de teologia e de prática eclesial. Todavia, suas decisões nem sempre conseguem dialogar com as demandas e os questionamentos do laicato. Algumas questões sacramentais e morais tornam-se empecilhos para a comunhão eclesial, despertando, em geral, um testemunho fragmentado dos cristãos. Acreditamos que a criação de organismos e subsídios pastorais possibilitaria um compartilhamento de decisões, favorecendo a colegialidade em toda a Igreja.

A ausência de diálogo entre ambas as partes e a privação na troca de experiências, promove uma visão unilateral da Igreja, que pouco poderá contribuir para a missão evangélica. Através de um exercício compartilhado dos clérigos e dos leigos, unir-se-ia forças para a concretização da nova evangelização, que muitos atuais documentos conciliares vêm recomendando para um anúncio eficaz do Cristo. Isto porque, para que a evangelização aconteça em todos os âmbitos, é preciso criar ou transformar as estruturas eclesiais em formas igualitárias, participativas e que todos os fiéis possam adquirir sua plena cidadania eclesial. No fundo, trata-se de superar o histórico ranço do antigo modelo monárquico¹⁷.

De igual forma, verificamos que a questão da mulher, tanto na Igreja quanto na sociedade, merece um destaque especial, sobretudo, após muitos séculos de um machismo cultural, cujas consequências acarretaram uma total desvalorização do sexo feminino. Procurando em muito discutir esta temática, inúmeros teólogos e teólogas, artigos ou outros textos acadêmicos, apontam para uma enorme dívida do cristianismo com a mulher, em diversas situações: falta de igualdade de gênero nas lideranças pastorais e comunitárias, nos exercícios de alguns ministérios e,

¹⁷SANCHEZ, W. (Coord.). **Cristianismo na América Latina e no Caribe: trajetórias, diagnósticos, perspectivas**, pp.336-337.

sobretudo, em debate mais polêmico, proibição de receber o sacramento da ordem. Este último é um ponto bastante polêmico, que, curiosamente, ao assumir o seu pontificado, João Paulo II já deu este assunto como encerrado¹⁸.

Lembramos ainda que, por razões históricas, ao serem vistos de modo inferior em relação ao clero, acarretou entre estes fiéis uma formação teológica superficial e uma má compreensão da doutrina cristã, que com o pouco domínio dos assuntos relativos à fé, vem privando muitos leigos da participação na vida sacramental da Igreja e uma postura de passividade frente ao protagonismo da nova evangelização. Isto é muito evidente em certos ambientes de formação eclesial, que ainda resistem à presença e colaboração do laicato¹⁹.

Outra dificuldade é que diversos leigos e leigas despontam as suas atividades sob a tutela de clero. Diante da unidade que envolve a Igreja, é como se as atividades desempenhadas por estes fiéis, longe de uma parceria, precisam ser chancelados sob a condição de risco aos preceitos cristãos. Esta realidade vem provocando profundas feridas à autonomia do leigo na Igreja²⁰.

Perante a vivência pastoral, o trabalho do leigo vem sendo observado como uma atividade de “segundo grau” frente ao desempenhado pelos clérigos, além desta realidade promover uma divisão na comunidade e uma mentalidade bipartida do Povo de Deus. Assim, contrariando as orientações da Igreja, muitos leigos e leigas acabam perdendo o seu protagonismo perante os desafios da sociedade moderna. Este grande problema, por exemplo, na América Latina e no Brasil, despertam alguns obstáculos para a missão da Igreja, conforme aponta o teólogo Pinheiro²¹:

- a) Nosso continente é detentor de uma tradição autoritária e elitista, o que cria uma cultura de submissão e apatia;
- b) Vivemos num momento em que cresce o deslocamento da sensibilidade do religioso para o econômico, fruto da mentalidade consumista que o bombardeia;
- c) Há uma deterioração das mediações sociopolíticas da sociedade, com um descrédito nas instituições (sindicatos, partidos políticos, organizações populares, etc.);

¹⁸KUZMA, C. **Leigos e Leigas**, pp.97-100.

¹⁹Cf. BOFF, L. **Igreja: carisma e poder**, p. 209-229.

²⁰ESTRADA, J. A. Clérigos/Leigos. In: **Dicionário de conceitos fundamentais do cristianismo**, p. 96.

²¹PINHEIRO, J. **Protagonismo de leigo: apelos, realidade, perspectivas**. In: PINHEIRO, J. (Org.). **O protagonista dos leigos na evangelização atual**. pp. 117-118.

- d) A mentalidade clerical de nossa Igreja tem adiado muitos dos planos e sonhos de uma eclesiologia de comunhão e missão. Ainda não se crê, realmente, no leigo. Há urgência na reformulação da posição e do papel tradicionalmente assumido pelos ministros ordenados, para que a Igreja seja toda ela responsável pela missão, superando dependências, na busca de comunhão orgânica;
- e) A polarização entre laicato-hierarquia tem levado a uma oposição temporal-espiritual no compromisso missionário: aos leigos, o temporal, aos clérigos, o espiritual;
- f) Embora se fale no leigo como “sujeito privilegiado da missão”, “protagonista da Nova Evangelização”, não houve ainda empenho maior para que ele pudesse assumir sua dimensão integral como Igreja, não só nos quadros internos desta, mas também no específico de sua missão como missionários no mundo.

Acreditamos que tais situações aqui apontadas por nós podem, perfeitamente, ser superadas através da partilha, do amor fraterno e da convocação de todos os batizados pela ação missionária, que inspira e prepara os verdadeiros discípulos de Jesus Cristo no mundo e para o mundo. É tão somente por este modo de proceder que, conforme nos diz o Concílio, os homens do mundo inteiro, encaminhando-se para a paz perfeita e a felicidade, alcançarão, um dia, a pátria que brilha a glória de Deus (GS 93).

Diante do acima exposto, faz-se sentir a necessidade mais crescente da Igreja por transformações. No contexto religioso de hoje, torna-se inaceitável na comunidade eclesial persistir na existência de dois grandes grupos no seu interior: de um lado, os clérigos, que de antemão são constituídos de formação, sabedoria e pleno direito de decisão; do outro, o povo não ordenado, que não entende absolutamente nada da doutrina sagrada e, por causa da sua ignorância, é denominado de “leigo” ou de “leiga”.

Parece-nos que na atualidade, perante a mentalidade clericalizante, cresce a consciência da própria Igreja de que o protagonismo do leigo e da leiga é uma resposta completamente adequada à nova realidade religiosa no qual estamos inseridos. Com a emigração silenciosa dos cristãos no século 21, cabe ao magistério eclesiástico combater três paradigmas historicamente instituídos em relação ao laicato: o primeiro a ser superado é o da imagem do leigo e da leiga como uma “ovelha obediente”, sem voz e sem vez; o segundo a ser superado é a perspectiva eclesiológica de uma comunidade hierarquizada, conforme uma pirâmide, onde o clero pertence ao topo e os fiéis a base; e, por fim, o terceiro a ser superado é a consideração do leigo ou da leiga no interior da Igreja como um não-douto, mas, sim, de um membro batizado capacitado pelo Espírito Santo para exercer a sua vocação e a sua missão cristã no mundo.

Neste sentido, para Blank, três exigências fundamentais para um projeto de evangelização que se acentue o “Protagonismo do Leigo”: primeiro, resgatar a sua identidade como cristão e acabar de uma vez por todas com as concepções que o submetem a aceitarem tudo, impedindo-o a uma verdadeira participação; a segunda, uma comunidade sem participação não é comunidade! Por isso, uma maior comunhão e participação dos leigos é algo extremamente importante para a Igreja; terceiro, a superação da dicotomia entre clero e leigo não deve permanecer apenas no campo teórico, mas sejam também concretizadas na prática²².

Superar as antigas estruturas de poder e abrir-se para novas propostas exige da Igreja que se aproxime cada vez mais do seu ideal de ser servidora, sem mecanismos de dominação ou tutela. Para que os leigos e as leigas sejam verdadeiros protagonistas de uma nova evangelização missionária, Blank sugere ainda algumas propostas para que a Igreja se torne grande luz para o século 21²³:

- a) Que os ministros exerçam as suas funções, conforme os seus respectivos carismas;
- b) Que os conselhos de Pastoral assumam o seu papel de lugares de discussão e de decisão;
- c) Que a presença da Igreja na sociedade deve se realizar muito mais por meio de pequenas células do que por meio de macroestruturas;
- d) Que a imagem e o papel do sacerdote sejam mais de pastor, em vez de gerente, administrador, jurista, arquiteto entre outros;
- e) Que a coragem de enfrentar as questões estruturais da Igreja não se contenha em retornar os antigos modelos;
- f) Que o direito de exigir e garantir a celebração eucarística seja de toda comunidade;
- g) Que novos espaços para a experiência cristã sejam abertos;
- h) Que o único critério na avaliação e na transformação das estruturas da Igreja sejam Jesus Cristo;
- i) Que a atitude de servir da Igreja seja apresentada de maneira nova aos homens e as mulheres;
- j) Que o Espírito Santo seja o grande guia da Igreja na busca pelos caminhos da inovação e da transformação;
- k) Que a Igreja acentue cada vez mais o seu ardor renovado, demonstrando, sobretudo, a sua opção preferencial pelos pobres e excluídos;
- l) Que a Igreja incentive o papel de profeta de cada batizado no seu interior.

Sendo assim, uma conscientização recíproca de uma Igreja comunhão, por parte dos clérigos, dos religiosos e das religiosas, dos leigos e das leigas, testemunham uma comunidade fraternal e toda ministerial, cumprindo plenamente o chamado de Jesus ao dever primordial de seus discípulos que é o servir e não

²²BLANK. R. **Ovelhas ou protagonista?** p. 62-63.

²³BLANK. R. **Ovelhas ou protagonista?** p. 137-160.

dominar: “Sabeis que aqueles que vemos governar as nações as dominam, e os seus grandes as tiranizam. Entre vós não deverá ser assim! Ao contrário, aquele que dentre vós quiser ser grande, seja o vosso servidor, e aquele que quiser ser o primeiro dentre vós, seja o servo de todos” (Mc 10, 42-43). Abrir mão dessa condição é não cumprir a vontade do Senhor, revelando o perigo, para que daqui a alguns anos não tenhamos, em escala cada vez maior, cristãos fora da Igreja.

Numa época marcada por rápidas mudanças, de modo igual, é importantíssimo também a pastoral católica aprender a reconhecer os fiéis com as quais a nossa evangelização está lidando. Em sentido estrito, pelo menos, cinco categorias de leigos e leigas vêm se destacando no cenário eclesial. A primeira categoria é a das ovelhas, que querem apenas obedecer; a segunda categoria é a dos consumidores, que defendem a Igreja como mera prestadora de serviços; a terceira categoria é a dos emancipados propriamente ditos, que amam a Igreja, mas são autônomos; a quarta categoria é a dos decepcionados, que migram silenciosamente da Igreja porque fizeram alguma experiência que os decepcionaram; a quinta e última categoria é a dos revoltados que não acreditam mais na vontade da Igreja em realmente mudar as suas atitudes autoritárias.

5.3

As contribuições realizadas

Frente as mudanças do mundo nos últimos anos, apesar dos conflitos e com os novos horizontes abertos pelo Concílio Vaticano II, certas iniciativas pastorais por parte dos leigos ganharam um forte destaque na missão da Igreja. Este protagonismo não deve ser entendido apenas como uma resposta aos sinais dos tempos, mas, antes de tudo, revela a exigência decorrente do batismo desses fiéis, que integram a grande família dos chamados filhos de Deus.

Em se tratando da América Latina, por exemplo, as comunidades eclesiais de base, pelas atividades desempenhadas pelos leigos e leigas, constituem-se como um marco importante e exemplar para a Igreja. No campo da ação e do engajamento, além do amadurecimento evangélico, do testemunho vivo da fé e da consciência política e social, estas comunidades espelham com grande importância aquilo que o documento Aparecida aponta: ambiente propício para escutar a Palavra de Deus, viver a fraternidade, a oração, a formação e o

compromisso com a sociedade atual (cf. DAp 308). Também, estas comunidades são vivas e dinâmicas (cf. DAp 309), cuja valiosa contribuição realiza-se na Igreja (cf. DAp 312).

Inspirados numa ação conjunta, diversos grupos e movimentos de leigos contribuíram para a missão salvífica, formando lideranças dispostas a buscarem até o fim dias melhores, o que os fizeram tornar um sinal para toda a humanidade. Destacamos as associações laicais que nos últimos anos, sobretudo por meio da sua juventude, vem promovendo uma renovação do mundo, à luz do Evangelho, lutando e auxiliando muitas pessoas mergulhadas nas tentações da droga, do álcool, da violência e de outras formas contrária a vivência da esperança cristã.

Por sua diacronia e diante da opção preferencial da Igreja pelos pobres, porque Cristo assim o fez, e o incansável clamor do povo que busca libertação, é notoriamente importante o trabalho dos leigos e leigas em diversas pastorais e movimentos. Agindo *in locus*, o seu testemunho despertou para a Igreja um sentido mais vivo da sua pobreza, fazendo com que muitos cristãos reflitam e se esforcem para superar a péssima distribuição de renda, a forte exclusão social, o desemprego, o analfabetismo, o individualismo e as outras formas que maculam a instauração do reinado de Deus no mundo. Pioneiros nesta luta, a atuação eclesial dos leigos na sociedade foi claramente apresentada em Aparecida:

Sua missão própria e específica se realiza no mundo, de tal modo que, com seu testemunho e sua atividade, contribuam para a transformação das realidades e para a criação de estruturas justas segundo os critérios do Evangelho. O espaço próprio de sua atividade evangelizadora é o mundo vasto e complexo da política, da realidade social e da economia, como também da cultura, das ciências e das artes, da vida internacional, dos *mass media*, e outras atividades abertas à evangelização, como o amor, a família, a educação das crianças e adolescentes, o trabalho profissional e o sofrimento (DAp 210).

Destaca-se também o trabalho que os leigos e leigas estão contribuindo e desenvolvendo em grupos de conscientização política. No seu cerne, eles se reúnem na luta pela oportunidade de uma educação de qualidade para todos, na discussão dos problemas referentes às suas realidades, na eleição e formação de lideranças representadas pela própria comunidade na melhoria das condições políticas que passam por uma profunda crise. Para o teólogo Kuzma, fortemente

atuantes na vivência política, os leigos ocasionam para a Igreja e para a sociedade inúmeros benefícios, a saber ²⁴:

- a) Políticos mais comprometidos com o povo e suas conquistas;
- b) As bases passarão a ter mais consciência dos seus direitos e deveres políticos;
- c) Uma postura mais justa dos políticos por causa dos princípios cristãos;
- d) Um olhar mais atento da sociedade aos problemas ambientais, da saúde, desemprego, analfabetismo, drogas, do respeito a outras religiões, etc.

Na atualidade, destacamos, igualmente, o trabalho realizado pelos leigos e leigas na educação, de modo geral, principalmente quando somos vítimas de um cultura escolar que por muito tempo privilegiou apenas o lado tecnicista da conhecimento, eliminando outras importantes habilidades do ser humano. Percebemos que pelo testemunho da fé dos leigos nos diversos polos do saber, através de uma boa formação, acarretará não apenas em benéficos religiosos, mas em valores para toda a sociedade.

Com a força de sua presteza, os leigos, além de se interessarem cada vez mais pela pesquisa teológica e pastoral²⁵ frente aos desafios da nova realidade social, plural, diferenciada e globalizada (DAp 345), estão protagonizando uma participação em temas sobre células-tronco, embriões humanos, reprodução assistida, aborto, crise política e ambiental, economia, etc. Sua participação os fazem instrumentos de Deus no mundo, com moção necessária para negar fielmente a todas as propostas que são contrárias a vida humana.

Por este motivo, motivados e impelidos pelo Espírito de Deus, cresce na Igreja do Brasil o número de teólogas e teólogos leigos que assumem a missão de assessoria teológica junto às comunidades, da reflexão sistemática da fé e do ensino nas mais diversas escolas teológicas do País. Multiplicam-se os cursos de teologia para leigos, distintos na duração e no nível, mas todos procurando dar uma formação mais aperfeiçoada e sistemática da fé. É necessário, portanto, investir mais recursos na formação dos leigos, seja através de bolsas de estudo, seja remunerando convenientemente as atividades de ensino e pesquisa (...)²⁶.

E não apenas só a realidade brasileira, a ação apostólica dos leigos na Igreja, desde o século passado até os dias atuais, buscou responder aos desafios da vida

²⁴KUZMA, C. **Leigos e leigas**, pp. 124-125.

²⁵Inúmeros cursos de teologia abriram as portas para os leigos. Outros foram organizados unicamente para eles em vários níveis de exigência acadêmica. Recentemente no Brasil, houve o reconhecimento oficial de faculdades e institutos teológicos a fim de habilitar os estudantes com títulos nos diversos níveis acadêmicos. (cf. LIBÂNIO, J. **Cenários da Igreja**, p. 172.)

²⁶CNBB. **Missão e ministérios dos leigos e leigas**. Doc. 62, p 117.

cristã em diferentes momentos e modelos: Em 1935, por exemplo, na Ação Católica Geral e, mais tarde, na Ação Católica Especializada – ACE (JAC, JEC, JIC, JOC e JUC) (n. 190); nas diversas comunidades Eclesiais de base (n. 192); nas pastorais sociais e entidades como a Comissão Brasileira de Justiça e Paz – CBJP; o Conselho Indigenista Missionário – CIMI; a Comissão Pastoral da Terra – CPT; o Instituto Brasileiro de Desenvolvimento – IBRADES; o Centro Nacional de Fé e Política “D. Helder Câmara” – CEFEP, e outros (n. 193); os trabalhos pastorais com a juventude se reorganizaram através das Pastorais da Juventude (juventude do meio popular, juventude de base de paróquias, juventude estudantil e juventude rural) (n. 194); nos Conselhos Paroquiais, Diocesanos e Econômicos; nas Assembleias e Sínodos Diocesanos; nas diversas pastorais que animam e sustentam as comunidades, paróquias e dioceses; na iniciação à vida cristã e na catequese permanente assumida por um número significativo de jovens e adultos e outros ministérios (cf. Estudo 107, nº. 195).

Por isso, mais do que nunca, faz-se necessário ao leigo uma formação permanente, capaz de transformar e intensificar o Evangelho, mesmo que de forma singela, na sociedade, para que o leigo alcance a maturidade e a responsabilidade. Para o bom desempenho da sua importante missão, a CNBB lançou as seguintes orientações para a formação do laicato²⁷:

- a) Seja programada e sistemática, não apenas ocasional;
- b) Ligue o aspecto antropológico e o teológico, não sendo apenas uma reprodução empobrecida da teologia dos seminários;
- c) Seja integrada e tenha como ponto de partida os problemas e perguntas dos leigos, oferecendo-lhes respostas para uma presença cristã no mundo;
- d) Desenvolva especialmente a capacidade de comunicação e diálogo, aprimorando o relacionamento humano;
- e) Seja diversificada e, nos seus métodos, tempos e conteúdos, sejam adaptados à diversidade de situações e tarefas dos cristãos leigos. Especial atenção merece a formação dos cristãos que atuam na vida pública e política.

Uma das marcas que encontramos da participação dos leigos foi a sua grande inserção, sobretudo, de maneira ativa na América Latina, nas chamadas CEBS's. Estas comunidades, cujo alicerce são as bases da vivência cristã, segundo o teólogo Clodovis Bof, procuraram levar o mais longe possível o ideal eclesial comunitário. Tal propósito se estrutura nos elementos de participação e

²⁷CNBB. **Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora**. Doc. 62, p, 123.

compromisso²⁸. Por sua partição, os leigos puderam contribuir para uma leitura mais comprometida da bíblia e os diversos problemas da vida. Graças ao empenho do laicato, foram criados diversos círculos bíblicos, grupos de reflexões e serviços comunitários fundada no ideal de um novo jeito de ser Igreja no mundo.

Hoje, de maneira especial, os inúmeros leigos engajados nos diversos movimentos eclesiais e novas comunidades estão testemunhando uma renovadora forma de ser Igreja mediante aos grandes desafios da atualidade. Estas formas agregativas estão respondendo com mais afinco as necessidades dos leigos responsavelmente na vida e na missão da Igreja:

O que se quer dizer, hoje, com “movimento”? [... o termo indica] uma concreta realidade eclesial com participação predominantemente laical, um itinerário de fé e de testemunho cristão que fundamenta o próprio método pedagógico sobre um carisma claro doado à pessoa do fundador em circunstâncias e formas determinadas²⁹.

Sobre a crescente participação dos leigos nos movimentos e comunidades, lemos no documento de Aparecida a seguinte observação:

Os Movimentos e Novas Comunidades são oportunidades para que muitas pessoas (leigos) afastadas possam ter uma experiência com Jesus Cristo, e assim recuperar sua identidade batismal e sua ativa participação na vida Igreja. Neles podemos ver a multiforme presença e ação santificadora do Espírito (DAp 312).

Entramos assim, inúmeros movimentos eclesiais e novas comunidades contemporâneas que bem expressam um evento único e fundamental do seguimento cristão no mundo. Encontramos, por exemplo, a Renovação Carismática Católica (RCC), Movimento dei Focolari, fundado na Itália, a Comunidade Católica Shalom, Comunidade Canção Nova, entre outras. Para o arcebispo de Belém, a índole destes grupos se enquadra perfeitamente nos efeitos da ação criadora do Espírito:

No curso da história da Igreja, o Senhor nunca deixou de repetir a sua Palavra, anunciando-a de vez em quando com “palavras” novas. Por meio de diversos carismas, Deus continua, ainda hoje, a dirigir-nos as suas palavras através de testemunhos concretos na vida da Igreja. Todos os carismas, grandes e pequenos, são chamados a levar a Palavra aos homens do nosso tempo, sobretudo a palavra da

²⁸BOFF, C. **As comunidades de base em questão**, pp. 188-189.

²⁹JOÃO PAULO II, papa. *Messaggio ai partecipanti al Congresso Mondiale dei Movimenti Ecclesiali promosso dal Pontificio Consiglio per i laici*. In: **Revista do Dpto. de Teologia da PUC-Rio / Brasil**, Ano XVI nº 42, setembro a dezembro/2012, pp. 571.

caridade. De fato, são dados a uma pessoa ou a um grupo de pessoas “para” os outros e “para” a Igreja, não certamente para aumentar a própria vanglória³⁰.

No entanto, apesar da sua positiva expansão, estas formas agregativas não podem perder a unidade com a Igreja, pois eles podem comprometer diretamente o protagonismo dos leigos:

Os Movimentos devem manter sua especificidade, mas dentro de uma profunda unidade com a Igreja particular, não só de fé, mas de ação. Quanto mais se multiplicar a riqueza dos carismas, mais os bispos serão chamados a exercer o discernimento espiritual para favorecer a necessária integração dos movimentos da vida diocesana, apreciando a riqueza de sua experiência comunitária, formativa e missionária. Convém dar especial acolhida e valorização aos movimentos eclesiais que já passaram pelo reconhecimento da Santa Sé, considerados como dons e bens para a Igreja universal (DAp 313).

O cardeal Jean-Claude Turcotte, ao refletir sobre os novos movimentos e as novas comunidades no Sínodo de Roma, em 1994, insistindo na ação dos leigos dentro e fora da Igreja, enumerou os seguintes frutos³¹:

- a) Possibilitou certo frescor na confissão da fé;
- b) Permitiu uma convicção da importância da oração na existência cristã e uma concretização desta convicção dada pela oração;
- c) Deu uma forte atenção à vida comunitária intensa e calorosa;
- d) Ofereceu um sopro de juventude na Igreja;
- e) Despertou uma atmosfera de simplicidade, de alegria, de cordialidade e generosidade;
- f) Abriu uma tendência de incluir todas as vocações: homens e mulheres, adultos e crianças, casados ou solteiros, etc.

Concluindo, o cardeal Jean-Claude Turcotte ainda apontou para algumas sugestões a fim de que as agregações laicais fossem realmente uma benção para a Igreja, assim como as comunidades tradicionais³²:

- a) Cultive uma transparência do grupo nas suas relações com o bispo e a comunidade cristã;
- b) Cultive uma franqueza no diálogo de cada membro com o seu superior;
- c) Cultive o respeito às leis fundamentais da Encarnação e da Redenção;
- d) Cultive uma mentalidade que se harmonize com o bem de todos;

³⁰TAVEIRA, A. *Discernimento dei carismi: alcuni criteri pratici*, p. 97. In: **Revista do Dpto. de Teologia da PUC-Rio / Brasil**, Ano XVI nº 42, setembro a dezembro/2012, pp. 581-582.

³¹CAZA, L. *Éléments pour une réflexion théologique sur les mouvements nouveaux et les communautés nouvelles*. In: **Revue Internationale de Catéchèse et de Pastorale**, nº 4, p.439. Tradução nossa.

³²CAZA, L. *Éléments pour une réflexion théologique sur les mouvements nouveaux et les communautés nouvelles*. In: **Revue Internationale de Catéchèse et de Pastorale**, nº 4, p.439-445. Tradução nossa.

- e) Cultive uma postura de obediência e participação ativa a partir da vontade de Deus;
- f) Cultive uma fé vivificante;
- g) Cultive com alegria e respeito às leis fundamentais da condição humana;

Perante este cenário, acreditamos que alguns princípios são importantes para orientação dos leigos nas suas formas antigas e novas de apostolado. São eles: autonomia organizativa de direito dos batizados com plena pertença eclesial; universalidade que transcende os grupos locais e inserção nas Igrejas Particulares; carisma particular e organização interna com a busca dos meios de edificação da Igreja como um todo; identidade confessional e inserção efetiva no mundo pela causa do Reino de Deus; norma de vida interna e discernimento dos apelos advindos da realidade atual; espiritualidade específica do grupo e diálogo com outros sujeitos eclesiais; experiência individual da fé e suas expressões comunitárias com o discernimento dos sinais dos tempos (Estudo 107, nº. 210).

Enfim, leigos e leigas espalhados por diversas localidades, desempenham na Igreja e no mundo. Bem longe de uma indicação precisa, objetivamos mostrar como o seu trabalho constitui-se para os nossos dias um elemento renovador para superarmos as antigas estruturas políticas, sociais e religiosas, e abrimos as portas da Igreja e do mundo para uma nova e autêntica experiência com o Cristo ressuscitado.